

## **Dados mostram que temos muito o que aprender com os chilenos**

*Ilona Becskeházy e Paula Louzano*

Escolher participar de uma avaliação internacional como o Pisa é uma iniciativa louvável para qualquer país.

Equivale à decisão pessoal de fazer um check-up de saúde e encarar seus resultados.

Em 2000, o Brasil começou a participar do exame e, desde então, vem administrando as consequências da revelação desses dados, inclusive tomando os remédios necessários.

Como um paciente crônico, os dados apresentados nesta semana mostram que, apesar da melhora, ainda falta muito para a cura.

Entre a primeira edição e a mais recente, o Brasil aumentou 16 pontos em leitura.

No entanto, 50% dos nossos jovens de 15 anos ainda não são capazes, entre outras coisas, de localizar informações implícitas em um texto.

Segundo a OCDE, eles terão dificuldades de participar de maneira ativa e produtiva da vida social.

### **SÉTIMO ANO**

O problema é ainda mais grave quando se leva em consideração que 19% dos brasileiros de 15 anos nem participam do exame, por já estarem fora da escola ou não terem alcançado a primeira das séries avaliadas pelo Pisa (sétimo ano).

Ou seja, se todo esse contingente estivesse na escola como deveria, os resultados brasileiros poderiam ser ainda piores.

Uma comparação com o Chile, que há dez anos partiu de patamares semelhantes aos nossos, mostra que eles estão melhorando mais rapidamente.

Os estudantes chilenos aumentaram 40 pontos no teste de leitura do Pisa na última década, uma diferença de 24 pontos em relação ao avanço brasileiro. Lá, a exclusão educacional também é menor: apenas 8% dos jovens de 15 anos ficam fora do teste.

### **DESI GUALDADE**

Perdemos para o Chile também no quesito igualdade de oportunidades educacionais. A nota dos jovens chilenos mais pobres aumentou 51 pontos, enquanto a dos brasileiros da mesma condição social melhorou apenas cinco pontos.

Aumentar a qualidade sem aumentar a desigualdade educacional, como fez o Chile, é o principal desafio dos países da América Latina.

A análise dos dados do Pisa e o acompanhamento das políticas educacionais do Chile mostram que temos muito o que aprender com esse país.

A boa notícia é que não precisaremos ir longe.

**Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 8 dez. 2010, Cotidiano, p. C3.**